

Malvar, Elisabete & Poplack, Shana. 2008. O presente e o passado do futuro no Português do Brasil. In Votre, Sebastião & Roncarati Cláudia (eds.), Anthony Julius Naro e a Lingüística no Brasil: Uma homenagem acadêmica. Universidade Federal do Rio de Janeiro Press. 186-206.

ANTHONY JULIUS NARO
E A LINGÜÍSTICA NO BRASIL
uma homenagem acadêmica

organizadores

Sebastião Votre
Cláudia Roncarati

7 LETRAS

 **FAPERJ**
Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

© 2008 Anthony Julius Naro

Produção editorial

Debora Fleck
Isadora Travassos
Jorge Viveiros de Castro
Marília Garcia
Tui Villaça
Valeska de Aguirre

Revisão

Nelize Pires de Omena

Produção gráfica

Chris Abbade

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A633

Anthony Julius Naro e a lingüística no Brasil: uma homenagem acadêmica/ Sebastião Votre, Cláudia Roncarati (organizadores). Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

400p.: Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7577-392-5

1. Naro, Anthony Julius. 2. Língua portuguesa – Brasil. 3. Língua portuguesa – Gramática. 4. Lingüística – História – Brasil. I. Votre, Sebastião. II. Roncarati, Cláudia. III. Título.

07-2712.

CDD: 469.798

CDU: 811.134.3'36

2008

Viveiros de Castro Editora Ltda.
R. Jardim Botânico 600 sl. 307
Rio de Janeiro-RJ CEP 22461-000

www.7letras.com.br
editora@7letras.com.br
(21) 2540-0076

O PRESENTE E O PASSADO DO FUTURO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Elisabete Malvar
Shana Poplack

INTRODUÇÃO

O aparato léxico-gramatical associado ao futuro nunca se limita a um único expoente, o que é exemplarmente evidente em português. Basicamente quatro formas variantes são consideradas representantes do futuro: uma forma sintética (FS), como em (1a), a perífrase com *haver* (PH), como em (1b), o presente (P; 1c) e a perífrase com *ir* (IR; 1d). O futuro sintético (1a) é tipicamente identificado como a forma *default* que transmite o significado primário de futuro; as outras variantes são essencialmente associadas a uma gama de modalidades (ex. certeza, dúvida, resolução, necessidade, probabilidade) e/ou contextos de uso (ex. sentenças afirmativas, verbos monossilábicos, proximidade no futuro).

1a- Esopo, desavergonhado, tu me foste enganar? Pois em ti *vingarei* (FS) minha raiva. (Silva 1734: Eurípedes: 106)¹

1b- Porém não *hei de casar* (PH), senão com homem avisado; ainda que pobre e pelado, seja discreto em falar. (Vicente 1523. Inês: 186)

1c- São nove horas e o ofício de Ramos *principia* (P) às dez e meia. (Pena 1853. Ambrósio: 12)

1d- Aí eu, “que festa?” “Ah, na nossa sala *vai ter* (IR) uma festa.” (Tiago/A2/1992)

Dada a coexistência dessas formas concorrentes, o setor de referência temporal futura parece o território ideal para o estudo variacionista. No entanto, a análise de um *corpus* do português brasileiro contemporâneo falado revelou praticamente nenhuma variação. Quase todas as referências ao futuro são expressas pela perífrase com *ir* (1d). FS (1a) é muito raro, P (1c) mostra-se um competidor menor e PH (1b) é inexistente. Esse resultado se dá independentemente de significado e contexto de uso da predicação futura. Como essa contradição entre prescrição/descrição e produção pode ser conciliada? O que atestamos é resultado de uma mudança lingüística abrupta? Do abismo existente entre prescrição e uso? Da divergência entre fala e escrita? Para responder essas questões, torna-se necessário saber como a referência temporal futura era expressa em estágios anteriores da língua. Além disso, devido à grande discrepância entre o que os gramáticos prescrevem e os falantes produzem, decidimos comparar a evolução do discurso normativo com dados do uso efetivo da língua nos séculos anteriores.

DADOS

Nesta investigação, trabalhamos com três *corpus* complementares — diacrônico e sincrônico; escrito e falado — pertinentes ao nosso objetivo de traçar variação e mudança no decorrer dos séculos.

Com base em recentes análises do tratamento prescritivo dado à variação lingüística no transcorrer do tempo (POPLACK et alii, 2002, 2003; POPLACK, 2003), nós realizamos uma meta-análise de um *corpus* de 38 trabalhos prescritivos/descritivos da língua portuguesa, que foram publicados em Portugal ou no Brasil entre os séculos XVI e XX (Anexo 1). Como detalhado por Poplack (2000, 2003; POPLACK et alii, 2002), ao interpretar os dados da tradição gramatical, consideramos que formas salientes o suficiente ao ponto de merecer menção dos gramáticos não seriam apenas representadas, mas provavelmente difundidas, no uso da época. Esse tipo de dado permite: 1) inferir, por meio das referências a formas alternantes, a existência de variação em épocas anteriores; 2) traçar a evolução dos ditames normativos associados às variantes, e, 3) talvez o mais inovador, levantar pistas a respeito das condições que motivam a seleção das variantes (ex. a associação de FS a verbos monossilábicos e de PH a orações relativas). Podemos incorporar essas condições como fatores na análise diacrônica do uso variável para testar se o antigo condicionamento das variantes permanece operativo nas variedades contemporâneas e, assim, elucidar o período de transição da mudança lingüística (WEINREICH et alii, 1968).

PEÇAS POPULARES DO PASSADO

O estudo da mudança lingüística requer referência não somente a um estágio anterior da língua, mas, mais especificamente, à língua falada, na qual a maioria das mudanças se origina. Para acessar o português falado de séculos anteriores, compilamos um segundo *corpus* diacrônico formado por comédias, farças e sátiras, direcionadas para consumo popular (MALVAR, 2003; Anexo 2). Por serem em sua maioria escritas para encenação em locais públicos e por termos retido somente as que apresentavam de alguma maneira a intenção de reproduzir formas não-padrão, assumimos que os diálogos foram escritos assemelhando-se de alguma forma à linguagem coloquial da época (para a utilização de peças como fonte diacrônica de dados do Português, veja também, CYRINO, 1994, 1993; DUARTE, 1993; ROBERTS; KATO, 1996).

FALA CONTEMPORÂNEA

Com o intuito de verificar ambos *corpus* diacrônicos, coletamos e analisamos um *corpus* de língua falada de residentes urbanos da classe trabalhadora de Brasília, a capital do Brasil, por meio de técnicas sociolingüísticas (MALVAR, 1992, 2003). Informantes de 10 a 30 anos de idade foram estratificados de acordo com o nível de educação formal (primário, secundário e universitário). Se a tradição gramatical portuguesa, que continua a prescrever o FS como a variante *default* de referência futura, consegue ser promovida com sucesso por meio das instituições educacionais do Brasil, devemos encontrar um maior uso de FS entre os falantes de maior instrução formal.

Embora cada um desses *corpus* apresente deficiências complementares, os resultados de análises independentes convergem em demonstrar que as peças populares oferecem uma representação surpreendentemente fidedigna da fala; enquanto a tradição gramatical, antiga ou contemporânea, demonstra pouca ou nenhuma relação com ela.

A TRAJETÓRIA DAS VARIANTES NA TRADIÇÃO GRAMATICAL PORTUGUESA

Primeiramente nos detemos na trajetória das variantes por cinco séculos de tradição gramatical portuguesa. A Tabela 1, que resume as leituras e usos atribuídos a cada variante, revela que a referência ao futuro em Português foi sempre caracterizada pela variação. No entanto, mesmo quando as formas alternantes são reconhecidas, não há menção explícita de que elas possam ser usadas sem alteração de significado, ou seja, que se equivalem. Ao contrário, FS é visto como o expoente básico da expressão de futuro “simples” até 2000 (data bem posterior ao desaparecimento virtual dessa variante na fala); enquanto às outras variantes são sempre atribuídas leituras secundárias. Assim, por exemplo, a perífrase com *haver*, que explicitamente foi interpretada como ‘obrigação’ em 1783, ainda recebe essa interpretação na gramática publicada em 1983 (conforme exemplos 2a, b).

2a) Hei d’amar (h). (h) i.e. actualmente hei ou tenho obrigação d’amar em certo tempo futuro (...). Quem atender a que a nossa lingua está cheia d’abbreviações, ou supressoens pella figura Sillespi, não duvidará subintender a dicta palavra obrigação. (MELO BACELAR, 1783/1996, p. 56; sublinha acrescentada)

2b) (25) (a) *Havemos de ser* os tais. (...). O enunciado (25a) é epistemicamente certo ou plausível e deonticamente obrigatório ou permitido. (MATEUS et alii, 1983, p. 153; sublinha acrescentada)

A perífrase com *ir*, que atualmente funciona como a única variante produtiva, ainda é, em plena segunda metade do século XX, definida por seus significados originais de ‘movimento’ e ‘proximidade’, como exemplificado em (3a, b):

3a) A combinação de *ir* + infinitivo pode designar locomoção ou também simples intento de pôr alguma cousa em efeito, ou ainda, um fato que não tardará a realizar-se: *Vou tomar o trem*. (SAID ALI, 1964, p. 174; sublinha acrescentada)

3b) *Ir* emprega-se: (...) (b) com o INFINITIVO do verbo principal, para exprimir o firme propósito de executar a ação, ou a certeza de que ela será realizada em futuro próximo: *Vou procurar um médico. O navio vai partir*. (CUNHA; CINTRA, 1984/1999, p. 395; sublinha acrescentada)

Ademais, é evidente que com o passar do tempo mais e mais interpretações são atribuídas às variantes (Tabela 1). Tal fato é particularmente visível na segunda metade do século XX, coincidindo com o advento da Linguística Moderna. Além disso, observamos que há pouco entendimento em relação a quais formas manifestam quais significados, tanto de um período para o outro, como dentro de um mesmo período. Tanto FS, PH como P são interpretados como designando ‘dúvida’ e ‘probabilidade’; PH, P e IR são

interpretados como denotando ‘intenção’ do falante ou ‘proximidade’ do evento/ação. Nossa meta-análise da tradição gramatical revela que as variantes não são concebidas como intercambiáveis: em geral FS deve ser usado quando se tenciona fazer referência simples ao futuro; enquanto uma das outras variantes é reservada para específicas motivações semânticas, pragmáticas ou psicológicas subliminares à mensagem do falante, como exemplificado em (4):

4) ‘Amanhã chega o teu primo José; vais à estação esperá-lo’. A fantasia e o sentimento aproximam de nós o fato futuro e incerto; a fantasia torna-o presente, o sentimento torna-o coisa certa (...). Logicamente, aquela frase deveria ser assim redigida: ‘Amanhã chegará o teu primo José; irás à estação esperá-lo’. (LAPA, 1968, p. 157)

Essa associação de sutis diferenças semânticas às variantes permite aos gramáticos imporem uma simetria de forma-função no grupo de variantes competidoras. Isso explica a persistente falta de entendimento no que diz respeito às interpretações atribuídas a cada variante. Todos esses fatos considerados conjuntamente sugerem a existência de variação em períodos anteriores, quer seja reconhecida como tal ou não.

A PERSPECTIVA VARIACIONISTA

Neste artigo testamos diferentes hipóteses a respeito da seleção das variantes no contexto de referência futura por meio de sistemática análise da distribuição e do condicionamento de FS, PH, P e IR em Português — diacrônico e sincrônico, escrito e falado.

Vamos demonstrar que essas são variantes clássicas de uma só variável linguística, embora raramente coexistam todas numa mesma época. Na verdade, mostramos que gradualmente as variantes se estabelecem ou deixam o contexto variável, assumindo durante o processo as funções de suas antigas contrapartes ou as abandonando totalmente. Enfatizamos que em nenhum momento durante esta evolução a seleção das variantes foi livre ou idiossincrática; pelo contrário, cada variante foi regularmente condicionada por elementos de seus contextos preferidos. Atualmente todos esses contextos já foram praticamente tomados por IR, que representa, embora não reconhecidamente, o novo *default* do futuro.

CIRCUNSCREVENDO O CONTEXTO VARIÁVEL

O estudo sistemático da variação inerente requer que não somente as formas variantes sejam identificadas, mas também os contextos nos quais as diferenças entre elas são neutralizadas. Neste estudo investigamos a variação tendo como ponto de partida o contexto de referência temporal futura, ao invés das formas variantes. Assim, o *locus* da variação, ou contexto variável, é *toda e qualquer referência não ambígua a um estado, evento ou ação posterior ao momento da fala*.

OPERACIONALIZANDO AS MOTIVAÇÕES PARA A ESCOLHA DA VARIANTE

Cada um dos 2.365 dados retidos para a análise foi codificado de acordo com uma série de fatores que capturam motivações apresentadas na literatura prescritiva ou descri-

tiva para a escolha de FS, PH, P ou IR, assim como nossas observações a respeito do uso das variantes. Esses fatores estão relacionados em (5). Dessa forma, testamos as afirmações a respeito do uso das variantes contra o emprego espontâneo delas pelos falantes da língua.

5- Fatores considerados nas análises:

Significados e funções:

Pessoa gramatical e número

Animacidade

Tipo de sentença (declarativa, interrogativa, negativa)

Distância temporal entre o momento da fala e predicação (distante, próximo)

Contingência do evento futuro (contingente, assumido)

Contextos de uso prescritos:

Tipo de verbo (movimento vs. outros)

Número de sílabas (monossilábico vs. mais sílabas)

Tipo de oração (principal, subordinada, relativa)

Pronomes clíticos (presença vs. ausência)

Presença e tipo de especificação adverbial (específico, não-específico, sem advérbios)

Extralingüísticos:

Medium (peças vs. fala)

Século

Nível de escolaridade (primário, secundário, universitário)

Mencionamos anteriormente que na literatura prescritiva/descritiva a escolha das variantes é geralmente relacionada a sutis distinções semânticas ou pragmáticas na mensagem que o falante pretende transmitir, o que é difícil se não impossível de operacionalizar. Sentimentos de *intenção*, *certeza*, *probabilidade* ou *dúvida* não podem ser identificados se não houver alguma pista contextual explícita. O único acesso possível à intenção do falante é por meio do que ele diz; assim como nosso único acesso à interpretação do ouvinte se dá por meio de suas intervenções. As distinções que podem ser operacionalizadas são aquelas que se baseiam não no significado conferido à variante (o que seria circular), mas em indicadores contextuais que evidenciam esse significado, quando eles existem. Assim, por exemplo, noções como *agentividade*, *subjetividade*, *vontade*, *desejo*, freqüentemente associadas à escolha da variante no contexto de referência futura, podem ser captadas por fatores como *pessoa gramatical* ou *animacidade*.

ANÁLISE DE REGRA VARIÁVEL

Qual desses fatores contribui com um efeito significativo para a escolha de uma variante? Para obter resposta a essa pergunta, analisamos os dados por meio da análise multivariacional incorporada ao programa Goldvarb 2.0 (Rand & Sankoff 1990). Esse

programa estatístico calcula a contribuição de cada fator quando todos são considerados simultaneamente e detecta quais são estatisticamente significativos, assim como a direção e a magnitude de cada efeito. A visão detalhada oferecida pela análise de regra variável corresponde a uma fotografia da distribuição das variantes em cada estágio do desenvolvimento do sistema de referência temporal futura. A comparação das fotografias de cada estágio revela o movimento de cada variante pelos contextos, que constituem esse sistema, no transcorrer do tempo. O ponto de comparação é a *ordenação dos fatores*, ou seja, a hierarquia de efeitos contextuais favorecedores e desfavorecedores da variante, o que interpretamos como a gramática subjacente à variação (POPLACK ; TAGLIAMONTE, 2001).

RESULTADOS

A distribuição global das variantes de referência temporal futura, apresentada na Tabela 1, é familiar a de outras línguas empiricamente estudadas (POPALCK; TURPIN, 1999; POPLACK; TAGLIAMONTE, 1999, 2001). IR e FS juntos correspondem a 3/4 dos dados.

Tabela 1: Distribuição global das variantes de referência temporal futura em Português

Variantes	%	Número de dados
Perífrase com <i>ir</i> (IR)	45	1077
Futuro Sintético (FS)	30	693
Perífrase com <i>haver</i> (PH)	13	303
Presente (P)	12	292
Total		2365

Entretanto, a amalgamação dos dados obscurece o movimento das variantes no transcorrer do tempo, o que se revela quando dividimos a distribuição por séculos (Tabela 2):

Tabela 2: Distribuição das variantes de referência temporal futura por século

Século	FS		IR		P		PH		Total
	N	%	N	%	N	%	N	%	
XVI	198	66	91	30	10	3	3	1	302
XVIII	169	57	103	35	19	6	5	2	296
XIX	276	53	104	20	66	13	72	14	518
XX Peças	46	9	5	1	93	18	384	73	528
	Fala	4	1	—	—	104	14	613	85
Total	693	30	303	3	292	12	1077	45	2365

A Tabela 2 mostra que na maioria do tempo somente duas variantes se encontram em competição. Nos séculos XVI e XVIII temos FS e PH disputando o contexto variável. No século XIX, IR claramente já se havia infiltrado no sistema e juntamente com P corresponde a aproximadamente 1/3 dos contextos de referência temporal futura. O século XX mostra uma abrupta inversão: IR virtualmente substituiu as variantes mais antigas, enquanto P continua desempenhando seu papel menor. Como essa mudança ocorreu? Para responder essa questão, examinamos o condicionamento da variação período por período.

PERÍODO I: SÉCULOS XVI E XVIII

A Tabela 3 apresenta os resultados de três análises independentes de regra variável da contribuição dos fatores linguísticos selecionados como significativos na escolha das variantes nos séculos XVI e XVIII.² Quanto maior o valor, maior a probabilidade de que a variante vai ser selecionada no contexto em consideração. Notamos primeiramente que dos dez fatores originalmente estudados (listados em (5)), somente dois ou três são significativos na escolha de cada variante.

No Período I, o setor de referência temporal futura é claramente dominado por FS e PH. Com uma tendência global de ocorrência de .63, nesse estágio FS realmente parece fazer juz a sua caracterização como a forma *default* do futuro. Consistente com esse papel, FS é favorecido nos contextos mais frequentes, neutros ou não-marcados, tais como *sentenças declarativas*, e com a maioria dos verbos lexicais. Contudo, FS também é claramente favorecido em contextos *contingentes* (apódoses de condicionais hipotéticas com *se*), como em (6), assumindo uma interpretação que não lhe será atribuída até o século XX. PH, em contraste, é favorecido nos contextos *assumidos*, como em (7), em sentenças *negativas*, como em (8), e *interrogativas*, como em (9).

Tabela 3: Três análises de regra variável da contribuição dos fatores selecionados como significativos para a seleção do futuro sintético (FS), da perífrase com haver (PH) e do presente (P) nos contextos de referência temporal futura nos séculos XVI e XVIII em Português

Total N	FS	PH	P
<i>Média Corrigida</i>	367 .63	194 .32	29 .05
<i>Contingência</i> Contingente	.68	.31	
Assumido	.48	.52	
<i>Tipo de Sentença</i>			
Declarativa	.55	.44	
Interrogativa	.33	.70	
Negativa	.37	.63	

	FS	PH	P
<i>Tipo de Verbo</i>			
Movimento	.36		.87
Não-movimento	.54		.38
<i>Distância Temporal</i>			
Próximo			.72
Distante			.35
Pessoa Gramatical/ Animacidade			
1 st Animada			.68
2 nd Animada			.20
3 rd Animada			.41
3 rd Inanimada			.62
Fatores não selecionados como significativos:			
Distância Temporal	X	X	
Pessoa Gramatical/ Animacidade	X	X	
Tipo de Verbo		X	
Contingência			X
Tipo de Sentença			X
Especificação Adverbial	X	X	X
Presença de Clíticos	X	X	X
Tipo de Oração	X	X	X

P ocorre raramente nas peças antigas que analisamos, correspondendo a não mais que 5% dos contextos de referência temporal futura até o século XIX. Apesar de sua raridade, ele já havia demarcado seus locais preferidos de ocorrência. O fator condicionante mais importante para sua seleção é *tipo de verbo*: verbos de movimento favorecem P, com uma probabilidade de .87.

6- Não senhora; eu *virei* (FS) logo nessora, se m'eu lá não detiver. (Vicente 1509. Moça: 382)

7- Padre, eu *hei de ter* (PH) fadiga, mas d'El-Rei *haveis de ser* (PH); (Vicente 1526. Fidalgo: 182)

8- Não vo-lo *hei de negar* (PH): fazei-me uma petição. (Vicente 1526. Fidalgo: 176)

9- Pois aonde o *hei de pôr* (PH)? (Silva 1737. Semicúpio: 54)

Contextos de *futuro próximo*, tradicionalmente associados a essa variante, e *primeira pessoa gramatical* também são altamente favorecedores de P. O exemplo em (10) ilustra os usos básicos de P durante o período I. Nesse estágio, ocorrências da perífrase com *ir* eram tão infreqüentes (N=8) que não puderam ser incluídas na parte quantitativa da análise; o exemplo em (11) reproduz uma dessas raras ocorrências:

10- Vai tu, filho Joane, e dize que logo *vou* (P), que não faz tempo que cá estou. (Vicente 1512. Velho: 83)

11- Deixe-o enforcar, que eu também *vou fazer* (IR) o mesmo. (Silva 1734. Esopo: 132)

Usos prescritos das variantes de referência temporal futura: período I

De que maneira o uso das variantes nas peças corresponde ao uso que lhes era prescrito nessa época? A relação é frágil, principalmente porque os gramáticos dos séculos XVI a XVIII não dizem muito a respeito das variantes. A comparação das Tabelas 1 e 4 mostra que a interpretação *default* de FS como representante do futuro, conforme estabelecida pela literatura, é de fato consistente com sua preponderância no Período I. No entanto, os significados de ‘determinação’ e ‘obrigação’ associados a PH não possibilitam teste empírico. As associações reveladas pelas análises de regra variável (sentenças interrogativas, negativas) não são citadas na literatura gramatical, enquanto os contextos prescritos pelos gramáticos (orações relativas, proximidade) não foram selecionados como significativos na análise. Por fim, as outras variantes do futuro não são sequer mencionadas durante esse período.

Período II: Século XIX

Examinemos agora o século XIX. Conforme apresentado na Tabela 3, as quatro variantes competem pelo contexto variável nesse período. Observe que IR, somente incipiente nos séculos anteriores, apresenta um aumento substancial em seu uso, representando agora aproximadamente 1/3 dos dados. A Tabela 5, que apresenta os resultados de quatro análises variáveis independentes com os fatores selecionados como significativos na escolha das variantes no século XIX, revela uma primeira mudança sutil para acomodar as novas variantes no setor de referência temporal futura. Os fatores examinados são os mesmos dos séculos anteriores.

Analisando primeiramente a variante emergente, vemos que IR (como em outras línguas) entrou no sistema via contextos que expressam *futuro próximo*, usurpando-os de P. Com uma probabilidade de .79, a seleção de IR é fortemente favorecida com o futuro próximo, o que relega as variantes mais antigas, FS e PH, para um novo contexto: *eventos futuros distantes* (com as probabilidades de .56 e .55 respectivamente). Embora corresponda

nesta época a menos de 15% dos dados, é notável que esse seja o único contexto “especializado” assumido por IR. Nos outros contextos lingüísticos, IR já dá sinais de que eventualmente assumiria o papel de marcador *default* do futuro: ele é favorecido em contextos mais frequentes e menos marcados como as *sentenças declarativas* (antigo domínio da variante FS) e *contextos sem especificação adverbial*, como em (12). Nesse contexto, o uso de IR contrasta com FS e P, pois cada variante é favorecida em um contexto mais circunscrito: FS com *advérbios não-específicos*, como em (13), e P com *advérbios específicos*, como em (14).

12- *Vou transmitir* (IR) essa ordem ao porteiro, porque eu posso não estar na ocasião. (Azevedo 1897. Gerente: 23)

13- Que impertinência! *Logo conversaremos* (FS). (Pena 1842. Mariquinha: 25)

14- O livro que te prometi, *mando* (P) *amanhã*. (Pena 1842. Cecília: 50)

Tabela 4: Quatro análises de regra variável da contribuição dos fatores selecionados como significativos para a ocorrência do *futuro sintético* (FS), da *perífrase com haver* (PH), do *presente* (P) e da *perífrase com ir* (IR) nos contextos de referência temporal futura no século XIX em Português.

	FS	PH	P	IR
Total N	268	104	48	72
<i>Média Corrigida</i>	.545	.211	.098	.146
<i>Distância Temporal</i>				
Próximo	.37	.40		.79
Distante	.56	.55		.35
<i>Tipo de Sentença</i>				
Declarativa				.59
Interrogativa				.29
Negativa				.09
<i>Especificação Adverbial</i>				
Sem advérbio	.47		.45	.62
Específico	.41		.88	.28
Não-específico	.69		.45	.15
<i>Tipo de Verbo</i>				
Movimento	.31		.89	
Não-movimento	.52		.44	
<i>Contingência</i>				
Contingente		.27	.83	
Assumido		.52	.47	

<i>Fatores não selecionados como significativos:</i>	FS	PH	P	IR
Distância Temporal			x	
Tipo de Verbo		x		x
Contingência	x			x
Tipo de Sentença	x	x	x	
Especificação Adverbial		x		
Presença de Clíticos	x	x	x	x
Tipo de Oração	x	x	x	x
Pessoa Gramatical/ Animacidade	x	x	x	x

Como a variante Presente reagiu à incursão da perífrase com *ir* no contexto variável? Embora P esteja quantitativamente em paralelo com IR, os detalhes de seu condicionamento variável revelam que P não se apresenta tão entrenchado estruturalmente quanto a sua contraparte perifrástica. Primeiro porque P é altamente restrito a co-ocorrer com *advérbios específicos* (probabilidade de .88), que podem tornar clara a referência temporal da sentença. Segundo porque, além de co-ocorrer quase categoricamente com o verbo principal *ir* (conseqüentemente excluído da análise quantitativa apresentada na Tabela 5), P continua a revelar uma forte associação a outros verbos de movimento. Finalmente, esta variante herdou de FS, que começa a diminuir sua participação no contexto variável, o papel de expressar os *eventos contingentes* nas orações condicionais, como no exemplo em (15), em contraste com PH, que continua a ser a variante escolhida nos contextos *assumidos*, como em (16). Embora a frequência de P tenha dobrado desde os séculos XVI e XVIII, essa variante não se difundiu por todos os contextos de referência futura; ao contrário, seu uso concentrou-se em contextos mais especializados e relativamente menos frequentes: *verbos de movimento*, *contextos contingentes* e *com advérbios específicos*, exemplificado em (17).

15- Vá cada um por sua vez, para disfarçar...Se não, o rateio não *dá* (P) para o buraco de um dente! (Azevedo 1897. Lourenço: 147)

16- Como vos *hei-de eu recompensar* (PH) êste tão insigne serviço, como agradecer-vos? (Pena 1844. Sr. Marcos: 76)

17- Se fô possível, muito que bem; se não fô, paciência: a gente arruma as mala e *amanhã* memo *volta* (P) pra fazenda. (Azevedo 1897. Eusébio: 94)

Em relação aos expoentes de referência futura mais antigos, observamos que, com uma exceção cada (verbos que não são de movimento, no caso de FS, e contextos assumidos, no caso de PH), conforme FS e PH se retiram do contexto variável, seus antigos e preferidos domínios desaparecem, são assumidos por outras variantes ou são trocados por novos domínios. *Tipo de sentença*, que distinguia o uso de FS e PH nos séculos XVI e XVIII, não influencia mais a seleção das variantes. *Contexto contingente*, antigo domínio

de FS, foi assumido por P. A incursão de P e IR, respectivamente, em contextos com *advérbios específicos* e *sem modificação adverbial* deixou FS nos contextos restantes, i.e. aqueles modificados por *advérbios não-específicos*. Da mesma forma, a nova, contudo forte, associação de IR a *eventos próximos* deixou FS e PH selecionados para expressar o *futuro distante*. Somente a propensão de P co-ocorrer com *verbos de movimento* e, conseqüentemente, a associação resultante desse fato, ainda que fraca, de FS co-ocorrer com os *outros verbos*, permaneceu inalterada desde os séculos anteriores.

O sistema de referência temporal futura no século XIX apresenta as variantes se opondo em praticamente todos os contextos. Elas não são as mesmas variantes que competiam nesses mesmos contextos nos séculos anteriores, mas os fatores que afetavam suas ocorrências permanecem ativos.

Usos prescritos das variantes de referência futura: período II

Em que extensão o uso das variantes nas peças do século XIX, representado pelos resultados das análises de regra variável apresentados na Tabela 4, refletem as injunções gramaticais dessa época? A comparação entre as Tabelas 1 e 4 demonstra que *nenhum* dos principais efeitos na escolha das variantes, que foram revelados por nossas análises, era reconhecido ou aceito. Percebemos, no entanto, a proliferação de interpretações atribuídas a PH, justamente quando essa variante se retira do contexto variável. Observamos, também, que o século XIX é o primeiro período no qual P é reconhecido pela literatura gramatical, embora nossas análises mostrem que ele já era usado como expoente de referência futura no século XVI. Rumo ao fim do século XIX, P começa a acumular interpretações de futuro próximo na literatura, apesar do fato de que é IR — variante ainda não reconhecida como marcador de futuro — que assume esta função na língua.

Período III: Século XX: Fala

Tabela 5: Análise de regra variável da contribuição de fatores selecionados como significativos para a ocorrência do presente (P) e da perífrase com ir (IR) em contextos de referência temporal futura na fala contemporânea do português do Brasil.

Total N	P	IR
<i>Média Corrigida</i>	47	611
<i>Especificação Adverbial</i>	0.71	.929
Específico	.79	.21
Não-específico	.60	.40
Sem advérbio	.42	.58
<i>Contingência</i>		
Contingente	.87	.13
Assumido	.45	.55

<i>Fatores não selecionados como significativos:</i>	P	IR
Distância Temporal	x	x
Tipo de Verbo	x	x
Tipo de Sentença	x	x
Presença de Clíticos	x	x
Pessoa Gramatical/ Animacidade	x	x
Tipo de Oração	x	x

O século XX é o primeiro período para o qual dados reais de fala estão disponíveis, por isso nos detemos primeiramente neles. Nesse estágio, com exceção de poucos contextos, a expressão de referência temporal futura é basicamente assumida por IR (cf. Tabela 3). Com apenas 1% de uso, FS é extremamente raro. PH desapareceu completamente do contexto variável. A variante IR assumiu todos os contextos que eram dominados por outras variantes no passado. Como conseqüência do domínio de IR, a maioria dos fatores anteriormente implicados na seleção das variantes deixou de contribuir com efeito estatístico significativo para a escolha delas. As únicas duas barreiras para a colonização do setor de referência futura por IR são aqueles poucos contextos em que P se entrincheirou: *contexto contingente* e *contexto com especificação adverbial*, sendo que esse último era dominado por FS no passado. *Contextos contingentes* foram transferidos para P no século XIX, enquanto contextos modificados por advérbios *não-específicos* foram transferidos no século XX. A forte relação de P com verbos de movimento resolveu-se agora em uma associação quase categórica dessa variante ao verbo principal *ir* (cf. Figura 1).

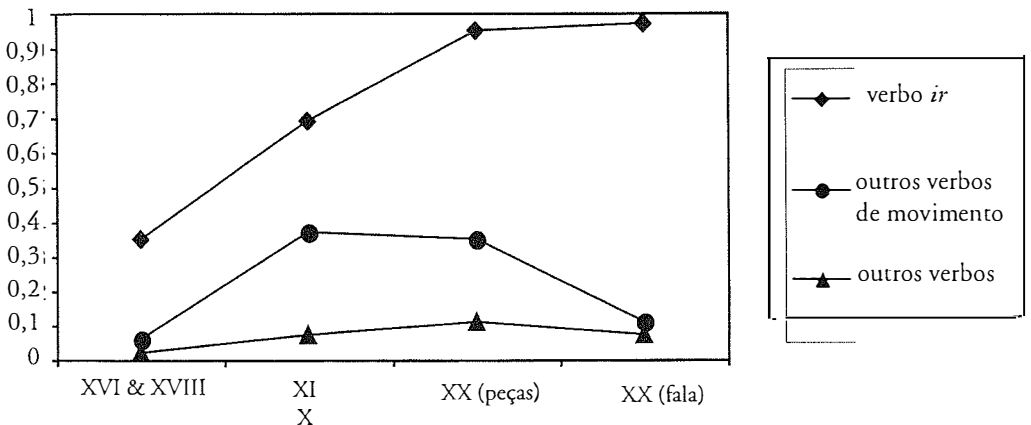


Figura 1. Associação dos verbos com a variante Presente (P)

Embora todos os outros verbos de movimento possam ocorrer livremente na formação da perífrase com *ir*, há uma forte restrição ao uso do verbo principal *ir* nessa constru-

ção. A combinação de *ir + ir* sofre estigmatização e correção. O exemplo em (18), produzido por um garoto de 10 anos, foi a única ocorrência em nosso *corpus*, em mais de 650 referências ao futuro na fala do século XX:³

18- *Aí, agora, a gente vai ir (IR) agora é num do bombeiro. Conhecer lá uns negócios que o bombeiro usa pra apagar o fogo. (Tiago/A67/1992)*

A FALA E A REPRESENTAÇÃO DA FALA

Neste ponto da investigação, podemos nos perguntar qual a relação, se há alguma, entre o Português falado do Brasil e o fac-símile da fala representado, em cada século, pelos diálogos das peças populares escritas. Recorde que a Tabela 2 mostrou um paralelo marcante entre a *freqüência* de uso das variantes nas peças e na fala. As análises de regra variável na Tabela 6, que apresenta os pesos relativos associados a cada variante e fator nas peças e fala contemporâneas, revelam que há também um paralelo marcante no que tange ao *condicionamento*, mesmo quando o fator não é selecionado como estatisticamente significativo. Com uma única exceção⁴, os mesmos fatores favorecem (e desfavorecem) a seleção das variantes na fala e na escrita (popular).

Tabela 6: Quatro análises de regra variável da contribuição dos fatores selecionados como significativos para a ocorrência do *presente* (P) e da *perífrase com ir* (IR) nos contextos de referência temporal futura nas peças e fala do século XX no português do Brasil.

	P		IR	
	Peças	Fala	Peças	Fala
Total N	72	47	384	611
<i>Média Corrigida</i>	144	.047	.766	.929
<i>Contingência</i>				
Contingente	.78	.87	.30	.13
Assumido	.47	.45	.52	.55
<i>Tipo de Verbo</i>				
Movimento	.78	[.62]	.28	[.38]
Não-movimento	.47	[.48]	.52	[.52]
<i>Pessoa Gramatical</i>				
1ª animada	.66	[.44]	.39	[.56]
2ª animada	.13	[.55]	.81	[.45]
3ª animada	.47	[.46]	.55	[.54]
3ª inanimada	.50	[.69]	.43	[.31]
<i>Especificação Adverbial</i>				
Sem advérbio	.45	.42	.56	.58
Específico	.76	.79	.31	.21
Não-específico	.61	.60	.34	.40

<i>Fatores não selecionados como significativos:</i>	P		IR	
	Peças	Fala	Peças	Fala
Distância Temporal	x	x	x	x
Tipo de Oração	x	x	x	x
Tipo de Sentença	x	x	x	x
Presença de Clíticos	x	x	x	x
Pessoa Gramatical/ Animacidade		x		x
Tipo de Verbo		x		x

Usos Prescritos das Variantes de Referência Temporal Futura: Período III

Como a prescrição corresponde à fala real nesse período? Com a chegada do século XX, principalmente a partir da segunda metade do século, as interpretações conferidas a cada uma das variantes multiplicaram-se (Tabela 1). A maioria das nuances de significado são atribuídas a FS, um fato particularmente saliente dado que nesse período essa variante é virtualmente inexistente (corresponde a 1% na fala e sequer alcança 10% de uso no corpus das peças). Da mesma forma PH, que não é mais encontrada nem na fala nem na representação escrita dela, recebe uma gama de interpretações. Por outro lado, a variante IR, que expressa a maioria das referências futuras na fala contemporânea, só é explicitamente citada como o marcador de futuro (i.e. sem atribuição de significados adicionais) no século XX, e isso, por somente três das gramáticas consultadas (publicadas respectivamente em 1945 e 2000), conforme exemplificado em (19):

19- A construção do verbo *IR* com infinitivo de outro verbo indica futuridade:
Quando eu crescer *VOU COMPRAR* um carro bonito como o de seu Manuel Valadares. (Neves 2000: 65; sublinha acrescentada)

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA PROMOÇÃO DAS VARIANTES PRESCRITAS

Dada a discrepante trajetória da evolução das variantes de referência futura na tradição gramatical e na fala, revelada pelas nossas análises, não nos deveria surpreender o fato de que a educação formal, o maior veículo de promoção da tradição prescritiva, tem efeito nulo no uso contemporâneo dos expoentes do futuro, pelo menos na língua falada.

A Figura 2 abaixo apresenta a porcentagem de uso das variantes de acordo com o nível de educação formal dos falantes estudados. É evidente que não há diferença significativa: IR domina o contexto variável no vernáculo independentemente do grau de escolaridade.

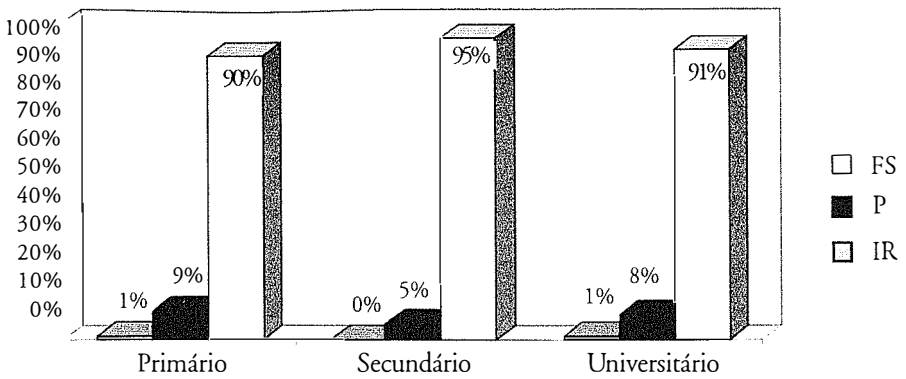


Figura 2. Uso das variantes de acordo com a escolaridade do falante

CONCLUSÃO

Em conclusão, os resultados da nossa pesquisa sugerem que poucas motivações oferecidas na literatura prescritiva e descritiva são, ou foram um dia, relevantes na escolha das variantes de referência futura. Pelo contrário, o setor foi dominado por FS e PH até o século XIX. Nessa época, IR se infiltrou no sistema, previsivelmente via contextos que expressavam um futuro próximo. Embora contabilizasse não mais que 15% dos dados nesse período, IR já estava estabelecido nos contextos futuros não-marcados (sentenças declarativas e sem advérbios). No século XX, ele havia expandido seu uso por todos os contextos anteriormente associados às antigas variantes (FS e PH), excluindo-as efetivamente do contexto variável. Neste estudo, demonstramos como essa mudança foi direcionada pela expropriação gradual das variantes mais antigas de seus contextos preferidos pela variante nova, IR, e como essa expropriação culminou na situação contemporânea na qual IR se tornou a variante *default* em todos os contextos, exceto nos poucos bastiões da rara, mas tenaz, variante P: os contextos contingentes, os com especificação adverbial e o verbo principal *ir*.

Nosso foco na variação inerente mostra que a mudança não ocorre de forma abrupta. Ao contrário, se procede como uma série de ajustes, que ocorrem à medida que as variantes, que estão entrando ou abandonando o contexto variável, disputam seu espaço no sistema. Conforme as variantes mais antigas se retraem, elas perdem ou transferem seus contextos condicionadores para as novas variantes, com o extraordinário resultado de que a *estrutura* do setor de referência ao futuro permanece a mesma; contudo, as distinções são redistribuídas. Dessa forma, as importantes distinções (funcionais, semânticas) podem continuar a ser expressas, ainda que por diferentes variantes.

NOTAS

¹As informações em parênteses identificam a fonte dos exemplos (autor, ano, personagem e página da peça no *Corpus de peças portuguesas e brasileiras populares* (MALVAR, 2003)); e falante, fita, número no contador e ano de gravação no *Corpus do Português falado em Brasília* (MALVAR, 1992, 2003).

²De 1580 a 1640, Portugal encontrava-se sob domínio espanhol. Durante a submissão política e até o final do século XVII, a literatura portuguesa era produzida em espanhol ou latim, com algumas exceções produzidas em espanhol e Português simultaneamente. De acordo com Rebello (1989: 58), um número muito pequeno de comédias foram editadas durante a segunda metade do século XVI e no século XVII. Devido a esse fato, decidimos não incluir peças desse período neste estudo.

⁴Uma vez que a *perífrase com ir* assumiu virtualmente todos os contextos e funções de suas competidoras, sua aversão ao verbo principal *ir* é no mínimo curiosa. Os futuros com IR tendem a não co-ocorrer com verbos de movimento no início do processo de gramaticalização (BYBEE et alii, 1994), mas a identidade lexical do verbo pouco influencia a seleção da variante nos últimos estágios (POPLACK; TAGLIAMONTE, 1999, 2001). Há pouca dúvida quanto ao fato de que IR se gramaticalizou como o principal (e para muitos falantes virtualmente o único) expoente de referência temporal futura; além disso, nossas análises não revelam restrições à co-ocorrência de IR com outros verbos de movimento. No entanto, em contraste com as línguas Inglesa e Francesa, em que a construção perifrástica com *ir* também se encontra em ascensão (POPLACK; TURPIN, 1999; POPLACK; TAGLIAMONTE, 1999), a formação dessa perífrase no português do Brasil ainda é evitada com o verbo principal *ir*.

⁵A única discrepância envolve o grupo de fator *peessoa gramatical/animacidade*, um efeito diagnosticado primeiramente nas peças dos séculos XVI e XVIII, para depois desaparecer e reaparecer nas peças do século XX. A essência desse efeito é uma forte aversão ao uso da variante P com a segunda pessoa gramatical animada. Esse fator configura-se irrelevante na fala: ele não restringe a seleção das variantes, nem apresenta efeitos consistentes.

REFERÊNCIAS

- BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. 1994. Tese de Doutorado— Universidade de Campinas, São Paulo, 1994.
- . Observações sobre mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.). *Português brasileiro— uma viagem diacrônica*. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1993. p. 163-184.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.). *Português brasileiro— uma viagem diacrônica*. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1993. p. 107-128.
- MALVAR, Elisabeth. *A realização do objeto direto de terceira pessoa em cadeia anafórica no português do Brasil*. 1992. Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília, Brasília, 1992.
- . *Future temporal reference in Brazilian Portuguese: past and present*. 2003. Tese de Doutorado— Universidade de Ottawa, Canadá, 2003.

- POPLACK, Shana. *Variation, prescription and praxis: stages of prescriptive grief*. In: SIMPOSIO DE SOCIOLINGÜÍSTICA, 13, 2000. University of West England, 2000.
- . *Prescrição e práxis na evolução da gramática*. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, 3, 2003. Rio de Janeiro, UFRJ, 2003. Conferência.
- POPLACK, Shana; DION, N.; JARMASZ, L.; ROSEN, N. *The evolution of French prescriptive discourse: Constructing the Répertoire historique des grammaires du français*. Technical Report. Sociolinguistics Laboratory: University of Ottawa, 2003.
- POPLACK, Shana; TAGLIAMONTE, S. The grammaticization of going to in (African American) English. *Language Variation and Change*, n. 11,. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- POPLACK, Shana; TAGLIAMONTE, S. *African American English in the diaspora*. Cambridge e Malden: Blackwell Publishers, 2001.
- POPLACK, Shana; TURPIN, D. Does the *Futur* have a future in (Canadian) French? *Probus*, v. 11, p. 133-164, 1999.
- POPLACK, Shana; VAN HERK, G. ; HARVIE, D. Deformed in the dialects: an alternative history of non-standard English. In: WATTS, R.; TRUDGILL, P. (Eds.). *Alternative histories of English*. London: Routledge, 2002.
- RAND, D.; SANKOFF, David. *GoldVarb: a variable rule application for the Macintosh*. Version 2.0. Centre de Recherches Mathématiques. Canadá: Universidade de Montreal, 1990.
- ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Org.). *Português brasileiro – uma viagem diacrônica*. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1993.
- WEINREICH, Uriel; LABOB, Willialm; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMAN, W.; MALKIEL, Y. (Ed.). *Directions for historical linguistics: A Symposium*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.